

**A CONSTRUÇÃO DA COERÊNCIA TEXTUAL
NO TEXTO “DEBAIXO DA PONTE”
DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

Rosa Maria A. Nechi Verceze (UFRO/USP)
rosa_nechi@hotmail.com

RESUMO

Este artigo procura verificar os recursos de coerência global necessários para a construção textual no ato da textualização, tendo como material de análise o texto “Debaixo da Ponte” de Carlos Drummond de Andrade. Discute a maneira como os elementos linguísticos se apresentam no texto; as escolhas lexicais do locutor ao se inter-relacionar providenciam a orientação argumentativa necessária aos enunciados que compõe o texto e estabelecem as âncoras para as proposições inferidas. Assim, a teoria de apoio vem de Turazza (2005), que faz releitura de Kintsch e Van Dijk (1983) para o estudo da coerência textual, Koch (1991).

Palavras-chave: Textualização. Coerência global. Escolhas lexicais. Inferência.

1. Introdução

De acordo com Turazza (2005) e Kock (1991) durante o processamento da informação semântica há o envolvimento de uma complexidade de atos. Num primeiro momento, recorre-se à microestrutura do texto – organização léxico-sintática – pela qual possibilita ao autor/leitor o processamento de inferências através de conhecimentos de mundo armazenados na memória semântica de longo prazo. Num segundo, expande-se a base do texto – a estrutura de superfície – por meio da explicitação de proposições inferidas. O autor ao transformar a base lida (orações e frases) processa e reprocessa os sentidos, numa ordenação e subordinação que gera a construção da representação mental na memória, dos sentidos globais para obter a macroestrutura, construindo a coerência num princípio de interpretabilidade.

2. Texto e coerência

Para Turazza (2005), considera o texto uma estrutura complexa definida por base de texto em três seguimentos: *microestrutura*, *superestrutura* e *macroestrutura*. A base do texto pode ser entendida como a estrutura semântica que constitui toda a *tessitura* textual através de relações que se estabelecem para manutenção coesiva do texto em si e com o ex-

terior. A microestrutura diz respeito às peças internas (palavras, frases e orações etc.) que se ordenam na montagem (construção) textual produzindo o aspecto formal daquilo que vai resultar num texto. As palavras, frases e orações individuais se conectam pelo fio semântico dando corpo a uma estrutura maior denominada *texto*. Esse tipo de relações, dado a sua coerência interna irá se construir na macroestrutura que para ser entendida reivindica uma coerência global, pois somente assim se eleva à categoria de discurso, haja vista a transformação da microestrutura em macroestrutura, passando a veicular não mais princípios semânticos, mas um sistema de significados para a construção da coerência global. Neste sentido é interessante lembrar que há um conjunto de regras e categorias que elevam o texto a uma estrutura esquemática denominada superestrutura. Na verdade, uma ordenação metodológica do texto que Turazza (2005, p. 27) trata como esquemas textuais, convencionalizados culturalmente pelo grupo, para formalizar discursos típicos, cujas regras determinam a ordem de formação das categorias textuais. Para a autora a história define a categoria a partir da seguinte ordem: apresentação, complicação, resolução, avaliação e/ou moral. A nosso ver nem todo texto segue esse roteiro, por outro lado, dependendo da natureza do texto, ele ainda pode apresentar a sanção que culmina com a punição e gratificação para os personagens que se confrontam na narrativa (herói e anti-herói).

Além dos aspectos teóricos apresentados há ainda uma série de outros procedimentos os quais iremos demonstrar à medida que formos analisando o texto *Debaixo da Ponte* de Carlos Drummond de Andrade.

3. Análise preliminar

O texto eleito para análise cumpre a ordem das categorias de formação apresentadas acima por Turazza, haja vista seguir uma lógica tradicional na narrativa de começo, meio e fim. O primeiro parágrafo diferentemente dos demais por ser tautológico (redundante) concentra-se a apresentação, porque trabalha um léxico apropriado para designar a “classe social” que mora embaixo da ponte. A princípio sujeitos anônimos que as estatísticas não contam, pois não ocupam espaços reconhecidos oficialmente e nem contribuem para a economia do país, uma vez que “não pagam aluguel, não pagam impostos, taxas de condomínios, conta de luz, água, não se preocupam com o lixo, não compram vestuários nem alimentos porque tiram do próprio lixo”. A abordagem feita pelo autor no parágrafo em questão apresenta um estrato social deserdado

do mundo humano porque estão em condições animais. A escolha lexical utilizada nessa primeira parte do texto hospeda significados con-
dizentes com o que o autor quer mostrar a seguir, por isso o parágrafo é
redundante para dar a ideia exata da “vida”, do tipo de pessoas que mora
embaixo da ponte. Mas apesar de redundante, o último período do pará-
grafo sugere uma conexão para o que vem depois: “viviam embaixo da
ponte, poderiam dar esse endereço aos amigos, recebê-los, fazê-los des-
frutar comodidades internas da ponte”.

Este período abre a complicação, ou seja, a partir dele o texto co-
meça a desenvolver o conflito, mas sua trajetória ainda apresenta outros
espaços onde moram pessoas pertencentes à mesma “classe social”, pes-
soas que vivem o anonimato e que comungam do mesmo estilo de vida.
Tanto é que o autor apenas os rotula: “o que morava não sei onde vinha
visitar os embaixo da ponte”. E, então se abre uma situação conflituosa
na qual a oposição *vida/morte* se desenvolve a partir da expressão: “e tra-
zer lhes uma grande posta de carne”. A posta de carne significa alimento,
portanto, vida motivo de alegria e comemoração. Mais o desfecho de tu-
do isso irá culminar com a morte.

É interessante observar que o autor usa a mesma técnica de cons-
trução dos parágrafos para o texto inteiro, visto que cada parágrafo trata
de uma temática que precisa ser bem explicitada de modo a construir
harmonicamente o quatro que constitui a vida daqueles deserdados.

No parágrafo reservado a “posta de carne”, o autor descreve como
a carne foi encontrada e a sensação de alegria vivenciada pelos três em-
baixo da ponte. O passo seguinte trata do preparo da comida e para com-
binar com o tipo de carne encontrada no vazadouro, o tempero (sal) tam-
bém teria que ser encontrado no lixo e assim o foi. A forma de saborear a
carne é peculiar, pois dada a sua raridade merecia um ritual especial: “ser
saboreada duas vezes por cada um, depois com o prazer do esquecimen-
to” – esquecimento da miséria e de tudo quanto era ruim.

A partir daí surge a resolução, exatamente de forma oposta ao que
se esperava, ao em vez de sonho e vida, vem dores e morte. A avaliação é
conjectural: “uns dizem que foi a carne, outros que foi o sal”. Mas do
ponto de vista moral a tragédia maior continua, pois é preciso morrer al-
guém para outros viverem. Isso o autor deixa claro, de forma trágica, po-
rém irônica: “há duas vagas embaixo da ponte”. De maneira genérica
Drummond valoriza a vida, não importa onde nem como é vivida, para
ele a vida deve ser celebrada mesmo embaixo da ponte e para quem não

tem a ponte, ironicamente agora há duas vagas.

3.1. Análise associativa

Entende-se por associação, segundo Greimas e Courtés (1979), a relação que vai de uma grandeza semiótica a outra não semiótica – referente unindo o signo da língua natural ao objeto do mundo. Neste sentido, seleciona-se o termo condensador, uma designação para expandir-se progressivamente na sintagmática da textualidade discursiva, de modo a garantir a progressão semântica da referencia tematizada. (TURAZZA, 2005, p. 154)

3.1.1. Associação lexical

No texto em análise as associações designam as temáticas tratadas no texto. Temática 1 – “Debaixo da Ponte”. O autor faz a escolha vocabular para designar o espaço e qualidade de vida das personagens que figuram: Respectivamente o espaço faz-se pelas lexias “a ponte era de todos, na parte de cima; e de ninguém na parte” e a designação da qualidade de vida pelo léxico como: “muitas vezes retiravam do lixo o vestuário o alimento e objetos de casa”; Temática 2 – “a visita do amigo” é vista por meio das expressões lexicais como “não sabiam onde moravam, nem só a ponte é lugar de moradia, há bancos no jardim, calçadas, cavidades nas pedras e próprio mato; Temática 3 – “uma posta de carne” elaborada a partir das expressões lexicais: “uma posta de carne que nem todo dia é encontrada, é preciso que exista, essa foi encontrada no vazadouro”; Temática 4 – “o preparo da refeição”, vista por meio de: “o tempero, a caça do sal, havia sal jogado na rua, também sal existe sobre determinadas regras, havia dentro de uma lata”. Temática 5 – “ refeição” – pelo léxico: “debaixo da ponte comeram, cada um saboreava duas vezes a carne e a sensação de raridade da carne”; temática 6 – “a morte” – pelas expressões léxicas:

começaram a sentir dores, dores que foram aumentando atribuída a espanto de alguma parte do organismo de cada um, dois morreram logo, terceiro agoniza no hospital. Dizem uns que morreram da carne, dizem outros que morreram do sal, pois era soda cáustica.

3.1.2. Associação por esquemas conceituais

Além da indiscutível importância dos elementos linguísticos para o estabelecimento da coerência no texto, deve considerar os conhecimentos de mundo que são ativados durante o processamento de leitura e escrita. O modo como os elementos linguísticos se apresentam, as escolhas lexicais do locutor ao se inter-relacionar vão dar toda a orientação argumentativa necessária aos enunciados que compõe o texto e sem dúvida, funcionam como âncoras para as proposições inferidas. Deste modo, a coerência global necessária a qualquer texto é construída a partir desses conhecimentos. Para Koch (1991, p. 60) o conhecimento de mundo é crucial no estabelecimento da coerência, porque as informações processadas no texto propiciam a transformação de frases em proposições, o que irá garantir o princípio de interpretabilidade.

Neste sentido, o contato com o mundo que nos cerca e os fatos experienciados são arquivados em nossa memória em blocos que denominam modelos cognitivos como:

Frame – gerado no texto em análise a partir da expressão “Debaixo da ponte” o qual leva a ativação da proposição inferida “Sem teto” e pode ser designada pelo campo léxico: “embaixo da ponte”, “bancos dos jardins”, “cavidade na pedra”, “o mato”, “o ar da rua”.

Esquema – conjunto de conhecimentos armazenados em sequência temporal – “chegada do amigo com a posta de carne, o preparo da refeição – ritual da refeição – dores abdominais e a morte” e também conhecimentos em sequência casual – “própria condição de vida que deixa o indivíduo vulnerável a consequências trágicas – morte”.

Scripts – conhecimentos altamente estereotipados em uma dada cultura. No contexto deste texto aponta o submundo dos “sem tetos”, o *scripts* é designado pelo cheiro diferenciado da carne: “a carne fora encontrada no vazadouro, supermercado pra quem sabe frequentá-lo, e aqueles três o sabiam, de longa e olfativa ciência”. E, ainda, *o scripts* se refere à ativação de um mesmo esquema que pode ser reiterado no texto para processar conhecimentos que culturalmente são partilhados em uma comunidade linguística e ordenados no eixo da temporalidade como um conjunto de ações inferidas a partir do léxico (TURAZZA, 2005, p. 157).

Dentro dessa perspectiva, podemos estabelecer um quadro que irá contrapor as expressões e orações linguísticas da estrutura de superfície textual e as proposições inferidas a partir dos conhecimentos partilhados

numa sequência temporal. Interessante observar que há uma oposição lexicai num tempo A (ta) que apresenta os moradores da ponte e num tempo B (tb) que se desencadeia com a chegada do amigo com a posta de carne. Tanto o léxico como as proposições utilizadas pelo autor apontam para o reverso das condições sociais da vida humana em nossa sociedade (valores convencionais). Como uma negação dos valores sociais e a não integração social desses indivíduos tratados por Drummond.

ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS DA ESTRUTURA DE SUPERFÍCIE	INFERÊNCIAS POR MEIO DE PROPOSIÇÕES
Moravam debaixo da ponte	Morar em casas, apartamentos, fazendas etc.
Ninguém cobrava aluguel, imposto predial, taxa de condomínio. Não pagavam conta de luz e gás porque luz e gás não consumiam. Não reclamavam falta d'água raramente observada por debaixo da ponte.	Pagamento de aluguel, imposto predial, condomínio, luz, água, telefone. Reclamação de falta de energia elétrica e água, quando suspensa temporariamente pelos órgãos responsáveis.
À tarde surgiu um amigo que morava nem ele sabia onde, mas certamente morava [...] vinha visitar os debaixo da ponte e trazer lhes uma grande posta de carne.	Receber visitas de amigos conhecidos, íntimos e que certamente além de se conhecê-los bem se sabe sempre o lugar onde moram. Compartilhar refeições com os amigos em encontros informais, onde todos contribuem, trazendo a ceia
Nem todos os dias se pega uma posta de carne. Não basta procurá-la é preciso que ela exista.	Via de regra, somente nos fins de semana os amigos se reúnem para ceiar, assim compram "pratos" (comida) para compartilhar com outros amigos.
O amigo rindo diante deles, a posta bem pegável, comível. Fora encontrada no vazadouro, supermercado para quem sabe frequentá-lo.	Nos encontros, muito risos de alegria entre os amigos pela confraternização, após a ida ao supermercado para comprar os alimentos da ceia.
Comê-la crua ou sem tempero não teria o mesmo gosto. Um debaixo da ponte saiu a caça de sal. E havia sal jogado a um canto de rua, dentro da lata. ... a lata foi trazida para debaixo da ponte.	Os amigos temperam a carne com sal e outros condimentos e grelha-a antes de comerem
Debaixo da ponte os três preparam comida. Debaixo da ponte a comeram [...] iriam aproveitar o resto do dia dormindo.	Na casa prepara-se a ceia e os amigos saboreiam-na com prazer, prazer pela comida especial e pela companhia afetiva, após a ceia e conversas, o prazer de uma soneca como descanso.
Quando começaram a sentir dores. Dores que foram aumentando [...] vendo-se alimentado sem que lhe houvesse chegado notícia prévia de alimento. Dois morreram e o terceiro agoniza no hospital. Dizem uns que morreram da carne, dizem outros que do sal, pois era soda caustica.	Os amigos após comerem se sentem satisfeitos e felizes, a ceia só faz bem ao organismo e ao prazer pela vida desfrutada em grupo.

Vale salientar que a expressão: *iriam aproveitar o resto do dia dormindo* assinala para o leitor que isto não irá acontecer, esta pista linguística é marcada pelo tempo futuro do pretérito condicional, pois ao em vez do descanso, ocorre a trágica morte de dois e um hospitalizado. Drummond, com esse desfecho, deixa clara a negação dos valores sociais, bem como as condições de vida que os *sem tetos* são submetidos e vistos pela sociedade. A pura negação da importância com o ser humana, a total falta de solidariedade. Mostra ainda, uma sociedade egocêntrica, mesquinha, corrupta, opressiva que se esconde por trás da aparência solidária e fraterna como, por exemplo, associação que se pode pressupor, enquanto conhecimento de esquemas textuais a partir da instituição religiosa.

4. Considerações finais

Pode se perceber que as escolhas lexicais utilizadas para (re)construção do plano de conteúdo na textualidade discursiva, ocasionou extrapolar a texto para uma temática específica e recriada, a partir de algo (processos e valores sociais) já institucionalizado e convencionalizado. A produção e compreensão textual exigem um teor de criatividade compreendendo este como processos mais abrangentes e específicos do autor. Diante disso, a criatividade não se limita, nem se constitui na ativação de conhecimentos de mundo por esquemas cognitivos, armazenados na memória semântica de logo prazo, mas sim, a (re)construção dinâmica de representações de mundo por meio de componentes básicos da habilidade cognitiva humana designados pela linguagem.

Neste sentido, para a verificação da coerência global, faz-se necessário um conjunto de conhecimentos e associativos para que se possa formalizar a construção dos sentidos de mais globais (macroestrutura) e também examinar concomitantemente como esses sentidos se organizam, pela ordenação e subordinação de outros sentidos. (TURAZZA, 2005, p. 207-208).

Para tanto as associações lexicais, de esquemas conceituais, da inter-relação com outros textos feitos numa leitura de mundo pelo autor faz-se necessário para que ele possa mostrar com precisão a sua visão de mundo. Para Drummond, a vida é para ser vivida, não importa de que modo, bem ou mal ela deve ser celebrada mesmo embaixo da ponte e por todos, mesmos para aqueles que nem ponte possuem como moradia, agora ironicamente, há duas vagas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. D. de. Debaixo da ponte. In: _____. *Obra Completa*, Rio de Janeiro: José Aguiar, 1967.

GREIMAS, A. J.; COURTES, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.

KNTSCH, W.; VAN DIJK, T. A. Comment on se repelle et on resume des histories. *Langue française*. Paris, n. 40, p. 99-117, 1975.

KOCH, I. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1991.

TURAZZA, J. S. *Léxico e criatividade*. São Paulo: Annablume, IP-PUC/SP, 2005.

Anexo

DEBAIXO DA PONTE

Moravam debaixo da ponte. Oficialmente, não é lugar onde se more, porém eles moravam. Ninguém lhes cobrava aluguel, imposto predial, taxa de condomínio: a ponte é de todos, na parte de cima; de ninguém, na parte de baixo. Não pagavam conta de luz e gás, porque luz e gás não consumiam. Não reclamavam contra falta d'água, raramente observada por baixo de pontes. Problema de lixo não tinham; podia ser atirado em qualquer parte, embora não conviesse atirá-lo em parte alguma, se dele vinham muitas vezes o vestuário, o alimento, objetos de casa. Viviam debaixo da ponte, podiam dar esse endereço a amigos, recebê-los, fazê-los desfrutar comodidades internas da ponte.

À tarde surgiu precisamente um amigo que morava nem ele mesmo sabia onde, mas certamente morava: nem só a ponte é lugar de moradia para quem não dispõe de outro rancho. Há bancos confortáveis nos jardins, muito disputados; a calçada, um pouco menos propícia; a cavidade na pedra, o mato. Até o ar é uma casa, se soubermos habitá-lo, principalmente o ar da rua. O que morava não se sabe onde vinha visitar os de debaixo da ponte e trazer-lhes uma grande posta de carne.

Nem todos os dias se pega uma posta de carne. Não basta procurá-la; é preciso que ela exista, o que costuma acontecer dentro de certas limitações de espaço e de lei. Aquela vinha até eles, debaixo da ponte, e não estavam sonhando, sentiam a presença física da ponte, o amigo rindo diante deles, a posta bem pegável, comível. Fora encontrada no vazadouro, supermercado para quem sabe frequentá-lo, e aqueles três o sabiam, de longa e olfativa ciência.

Comê-la crua ou sem tempero não teria o mesmo gosto. Um de debaixo da ponte saiu à caça de sal. E havia sal jogado a um canto de rua, dentro da lata. Também o sal existe sob determinadas regras, mas pode tornar-se acessível conforme as circunstâncias. E a lata foi trazida para debaixo da ponte.

Debaixo da ponte os três prepararam comida. Debaixo da ponte a comeram. Não sendo operação diária, cada um saboreava duas vezes: a carne e a sensação de raridade da carne. E iriam aproveitar o resto do dia dormindo (pois não há coisa melhor, depois de um prazer, do que o prazer complementar do esquecimento), quando começaram a sentir dores.

Dores que foram aumentando, mas podiam ser atribuídas ao espanto de alguma parte do organismo de cada um, vendo-se alimentado sem que lhe houvesse chegado notícia prévia de alimento. Dois morreram logo, o terceiro agoniza no hospital. Dizem uns que morreram da carne, dizem outros que do sal, pois era soda cáustica.

HÁ DUAS VAGAS DEBAIXO DA PONTE.

(ANDRADE, 1967, p. 896-897)

a – “ A ponte é de todos, na parte de cima; de ninguém, na parte de baixo”. Apesar de o autor afirmar que a parte de baixo não pertence a ninguém, você sabe que muitos a habitam por não ter onde morar. Em sua opinião, o que deveria ser feito, principalmente por parte dos governantes, para que o acesso à moradia fosse algo conquistado por todas as pessoas?

b – Outro trecho, que também nos faz refletir bastante, diz o seguinte: “Viviam debaixo da ponte, podiam dar esse endereço a amigos, recebê-los, fazê-los desfrutar comodidades internas da ponte”. Você já parou para pensar que a sua situação é diferente dos personagens da crônica, pois realmente pode dar endereço a alguém, sabe por quê? **Porque você possui um lar, uma moradia.** Dessa forma, como se sente?

c – Quando o autor afirma que “até o ar é uma casa, se soubermos habitá-lo, principalmente o ar da rua”, ele está reafirmando que o ar é essencial à nossa sobrevivência, por isso devemos adotar atitudes no sentido de preservá-lo, conservá-lo em toda a sua totalidade. **Contudo, não é exatamente isso que presenciamos, pois a poluição se tornou mais um entre os graves problemas ambientais.** O que você pensa sobre isso?

Por Vânia Duarte